

## UM MODELO DE COMPREENSÃO DAS VICISSITUDES DA REVELAÇÃO DO DIAGNÓSTICO DE HIV

**Bruno de Oliveira Ramos**

Graduando em Psicologia pela FAMETRO – Faculdade Metropolitana da Grande Fortaleza

Bolsista vinculado ao PROMIC

Membro do GEPPSI

bruno.fanuel@gmail.com

**Dra. Karla Corrêa Lima Miranda**

Docente na FAMETRO – Faculdade Metropolitana da Grande Fortaleza

Coordenadora GEPPSI

Título da Sessão Temática: Processos do Cuidar

Evento: VI Encontro de Monitoria e Iniciação Científica

### RESUMO

A revelação de um diagnóstico de HIV certamente ultrapassa a simples comunicação de uma notícia. Ainda que não se desenvolva a Aids, a cronicidade da doença, a associação com a morte, com a ideia de promiscuidade e a forma de contágio são motivos de angústia perante a possibilidade de receber um diagnóstico positivo. A partir da descrição da palavra “Revelação”, propusemos um modelo de compreensão das vicissitudes da Revelação do diagnóstico de HIV a partir de três dimensões distintas e não separáveis: A Dimensão Comunicativa, que tem centralidade na relação do sujeito com o outro. A Dimensão Material, que envolve as questões da materialidade da notícia e sua possibilidade. E a Dimensão dos Efeitos, que envolve a “marca” e diz respeito a algo de traumático na Revelação. Discutimos as três dimensões à luz da teoria Psicanalítica para compreendermos que aspectos da subjetividade podem estar entrelaçados em cada uma delas.

**Palavras-chave:** Revelação, HIV, Vicissitudes, Psicanálise.

### INTRODUÇÃO

A revelação de um diagnóstico de HIV certamente ultrapassa a simples comunicação de uma notícia. Saber que é portador de uma determinada doença implica uma série de questões relativas a este fato: que tipo de tratamento se aplica; se é possível haver cura; quais as mudanças na minha vida a partir desse diagnóstico; etc. No caso do vírus do HIV, ainda que não se desenvolva a Aids, a cronicidade da doença, a associação com a morte, com a ideia de promiscuidade e a forma de contágio são motivos de angústia perante a

possibilidade de receber um diagnóstico positivo.

Essas questões não perpassam somente as preocupações daqueles que receberão o diagnóstico. Os profissionais de saúde geralmente, se veem diante da angústia de revelar. Cavallari (1997) em sua dissertação de mestrado relata a fala de um entrevistado sobre a angústia de um médico perante a revelação do diagnóstico positivo de HIV.

Aqueles que recebem o diagnóstico de HIV são encorajados a revelarem aos seus parceiros. Esse, portanto, é outro momento de revelação, que implica uma série de questões: o medo de ser discriminado, de vir a sofrer preconceito, etc. Essa revelação pode se dar sem o consentimento da pessoa, como no caso de uma internação, por exemplo. Castellani e Moretto (2016) trazem um caso de uma paciente portadora do vírus HIV que havia se internado por conta de um citomegalovírus e que revela que o namorado ainda não sabia de seu diagnóstico. Provida dessa informação a equipe resolve marcar uma reunião para contar ao namorado o seu diagnóstico. Ao saber, a paciente tem uma crise de angústia informando que não deseja revelar seu diagnóstico a ninguém. O Diagnóstico de HIV também pode chegar repentinamente na vida do sujeito. É o caso quando alguém descobre que seu parceiro era portador do vírus quando no óbito deste. Ou ainda quando o vírus é detectado após uma doação de sangue.

Outro momento de revelação ocorre na chamada transmissão vertical. “A transmissão vertical do HIV ocorre através da passagem do vírus da mãe para o bebê durante a gestação, o trabalho de parto, o parto propriamente dito (contato com as secreções cervicovaginais e sangue materno) ou a amamentação.” (BRASIL, 2007) Nesse caso, normalmente, o diagnóstico é mantido em sigilo para a criança, porém com a chegada da puberdade e a iminente iniciação sexual os responsáveis se veem diante da necessidade de revelar o diagnóstico.

Todos esses momentos têm em comum a Revelação. As circunstâncias, quem revela, como revela, se houve procura ativa ou não, a história e os aparatos psíquicos dos envolvidos no momento da revelação, entre outros, são questões que circulam e influenciam esse momento e suas vicissitudes.

O objetivo desse trabalho é propor e refletir um esquema de compreensão das vicissitudes do Revelar, a fim de fornecer um subsídio para a pesquisa “As vicissitudes da revelação do diagnóstico de HIV por terceiros”, realizada por alunos do Programa de Monitoria e Iniciação Científica (PROMIC) da Faculdade Metropolitana da Grande Fortaleza (FAMETRO) vinculados ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Psicanálise (GEPPSI) da mesma IES.

Para tanto, buscamos o significado da palavra “Revelação” no Minidicionário Ediouro da Língua Portuguesa, de Sérgio Ximenes (2000), onde encontramos a definição: “Descoberta ou comunicação de fato que provoca sensação.” A partir dessa descrição, propusemos um modelo de compreensão das vicissitudes da Revelação a partir de três dimensões distintas, porém, não separáveis: A Dimensão Comunicativa, que tem centralidade na relação do sujeito com o outro. A Dimensão Material, que envolve as questões da materialidade da notícia e sua possibilidade. E a Dimensão dos Efeitos, que envolve a “marca” e diz respeito a algo de traumático na Revelação. Discutimos as três dimensões à luz da teoria Psicanalítica para compreendermos que aspectos da subjetividade podem estar entrelaçados em cada uma delas.

## **METODOLOGIA**

Trata-se de um artigo de reflexão teórica sobre um modelo teórico para a compreensão das vicissitudes da revelação do diagnóstico de HIV por terceiros. Acreditamos que a palavra “Revelação” define bem a circunstância desse momento por conta da sua definição: Descoberta ou comunicação de fato que provoca sensação (XIMENES, 2000). A escolha desta definição se deu por conta de apontar a Revelação com uma coisa de três partes: A comunicação ou descoberta, o fato, e o provocar uma sensação.

Partindo dessa definição, e separando-a em três partes, construímos uma proposta de modelo para ajudar na compreensão das vicissitudes desse momento. Minayo (2014), fala de Categorias, conceitos classificatórios que permitem pensar a realidade. A autora fala ainda da classificação “Categorias Operacionais”. Estas “são construídas com finalidade de aproximação ao objeto de pesquisa [...] com a finalidade de permitir a observação e o trabalho de campo. (MINAYO, 2014).

A escolha pela palavra “dimensão” se deu por conta de interdependência entre as três partes definidas para compreender a Revelação. Embora se pretenda apontar para três dimensões da Revelação, estas não se apresentam separadamente, mas concomitantes. São abordadas em separado somente por uma questão pedagógica. Se torna necessário refletir sobre o que distingue cada dimensão, aquilo que é particular a cada uma delas. Cada parte já separada deu origem a uma dimensão, de acordo com uma particularidade. A comunicação ou descoberta deu origem a Dimensão Comunicativa. O fato deu origem à dimensão Material. E provocar sensação deu origem a Dimensão dos Efeitos.

A partir desse ponto discutimos cada dimensão, e o que a constitui, com a ajuda de artigos sobre a revelação de diagnóstico de HIV e com ajuda da teoria psicanalítica para

compreendermos as questões subjetivas envolvidas. A nossa aposta é que essas três dimensões possam servir como proposta para compreendermos melhor o momento da Revelação do diagnóstico de HIV por terceiros e o que está implicado nele. A subjetividade é um emaranhado de fatores e fazem-se necessários recursos teóricos que permitam facilitar a sua compreensão. Minayo (2001) já nos alerta para o fato de que não somos gênios, no entanto, “a marca da criatividade é nossa ‘griffe’ em qualquer trabalho de investigação”.

Por questões pedagógicas optamos por clarificar cada dimensão separadamente. A dimensão Comunicativa, que envolve a comunicação ou descoberta e que aponta para a presença de um outro ou um “fora de si” nesse processo. A dimensão material que comporta o fato, ou seja, um elemento material, concreto. E a dimensão dos Efeitos que comporta não somente a sensação provocada, mas aponta para uma questão que pode se apresentar como traumática, produzindo uma marca. Cabe agora analisarmos, com ajuda da teoria psicanalítica, o que está em jogo em cada dimensão e o que isto implica para a compreensão da revelação.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### As três dimensões da Revelação

O minidicionário da língua portuguesa de Sérgio Ximenes apresenta, entre outras, a seguinte definição para a palavra Revelação: “Comunicação ou descoberta de fato que provoca sensação” (XIMENES, 2000). Por esta definição a revelação seria uma coisa de três partes: a comunicação ou descoberta, o fato e a sensação que provoca. No entanto, não podemos distinguir essas partes, vide que uma está inscrita na outra e não se separam. Por isso, optamos por chamar de dimensões, pois são referências distintas que compõem o mesmo objeto.

#### A Dimensão Comunicativa

A comunicação implica um ato que só pode ser realizado se considerarmos duas instâncias. Uma instância que transmite e uma que recebe. Ainda que um homem consiga conversar sozinho, existe uma mensagem a ser transmitida de um lugar que a envia para um lugar que a recebe. A relação humana é marcada pela Fantasia, pela projeção, Ideais de Eu, Narcisismo, etc. É uma relação atravessada pela subjetividade. No momento da Revelação esta subjetividade opera. Scharinger e Chatelard (2010) investigando sobre a alteridade na obra Freudiana, apontam para a noção de interno e externo existente já no Projeto de 1895. Segundo as autoras:

O encontro com outro ser humano nos põe em contato com a condição de alteridade, [...] porém, também nos põe em contato com algo que é familiar. O contato com o

outro faz reconhecer-me pra além de mim, além de meu corpo. Faz reconhecer-me no outro.

Memórias, afetos, traumas poderão se atualizar personificadas naquele ou naquilo que comunica. Entram em cena os modos de agir que foram aprendidos e as saídas que puderam ser eficazes em outras circunstâncias podem ser mais uma vez operadas.

A posição do outro não se aplica somente àquele que revela o diagnóstico. Todos os participantes desse processo assumem uma posição, o outro é todo aquele ou tudo aquilo que está fora dessa posição. O outro pode ser até mesmo aquilo que em mim se apresenta como outro. Isto só é possível se considerarmos o inconsciente com seus atos falhos, equívocos e expressões que nos fazem perceber que: “Há algo em nós que estranhamos e muitas vezes sentimos como outro, como se fosse outra pessoa falando por nós.” (SCHARINGER, CHATELARD, 2010).

### **A Dimensão Material**

Esta dimensão diz respeito ao fato revelado e sua possibilidade. Falamos em possibilidade por acreditarmos que a materialidade é abordada pela linguagem e isto cria uma distância, uma clivagem entre aquilo que é material e o que é falado.

Para Freud, toda apreensão humana da realidade está submetida a uma condição primordial - o sujeito está à procura do objeto de seu desejo, mas nada pode levá-lo a ele. Assim, a realidade, enquanto sustentada pelo desejo, é, de início, alucinada. (AZZI, 2007)

Ainda que o sujeito receba um documento que dá provas materiais da existência de um vírus que pode ou não o acometer, ele está diante do seu desejo e a maneira como esta materialidade se apresenta está transpassada por isso. Nos caberia pensar sobre as consequências dessa compreensão, isto nos leva à próxima dimensão.

### **A Dimensão dos Efeitos**

A Dimensão dos efeitos não se refere às consequências da Revelação, ao seu posteriori. Se refere a questão de que a Revelação produz um efeito enquanto Revelação. No mesmo dicionário utilizado, logo após a descrição de Revelação como “Comunicação ou descoberta de fato que provoca sensação”, Sérgio Ximenes (2000) acrescenta: “Essa sensação”. A sensação tem haver com a impressão que a Revelação produz.

Dizer que a Revelação produz impressão é revelar que este momento deixa marcas. Essas marcas, esses registros, dependem de como se dá a notícia, do motivo da procura pelo diagnóstico e dos aparatos psíquicos de quem recebe e quem dá a notícia. Castellani e Moretto (2016), afirmam que: “O existir dos jovens com transmissão vertical do HIV é marcado pelas lembranças de como eles souberam seu diagnóstico.” A Dimensão dos

efeitos tem haver com isto que é evocado por estas lembranças, com o “sabor” que a Revelação deixou marcado.

### **As Três Dimensões e sua Concomitância**

A concomitância das três dimensões é o que confere a potencialidade da nossa proposição. Não teríamos como separar aquilo que é da dimensão comunicativa sem nos referirmos a questão de que há um fato em jogo que isto produz consequências. Como nos recorda esta afirmação de Cavallari (1997):

Comunicar o resultado positivo para o HIV implica em poder suportar a angústia do paciente, em tomar consideração e deixar que surjam suas incertezas e sua confusão, pois as explicações sobre os aspectos biológicos e comportamentais (embora importantes) tornam-se secundários quando as feridas emocionais estão abertas e a demanda pessoal é para o amparo ao sofrimento vivenciado.

Podemos pensar que a Dimensão Comunicativa não se difere de outros momentos de encontro com o outro. A Dimensão comunicativa só adquire uma particularidade - só é mais que um encontro - quando está relacionada à notícia de um fato, quando está entrelaçada com as dimensões Materiais e de Efeito. A Dimensão Comunicativa agrega para as demais dimensões todas as nuances de um encontro.

A Dimensão material quando vista pelo ponto da Realidade Psíquica de Freudiana aponta para o fato de que exista algo de inalcançável no todo da realidade. A Revelação do diagnóstico de HIV por terceiros nunca se encerrará somente no fato da presença do vírus. Uma vez que a realidade é apreendida a partir do Desejo, a materialidade se torna insuficiente para explicar o momento da Revelação. Ao entrar a questão do Desejo entra também o Outro e estaríamos de volta a Dimensão Comunicativa e a maneira como este outro atende ou não a demanda de Desejo. É neste encontro e naquilo que ele tem como possibilidade de traumático que se produz uma marca. O efeito pelo qual optamos chamar a Dimensão dos Efeitos.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Não somos muito encorajados a criar “novidades” como categorias teóricas ou modelos de compreensão no decorrer da nossa formação. Apostar em um modelo teórico requer fidelidade e retificação constante durante o processo. O que acontece é que, ao se aventurar em um terreno novo, o da criação, corre-se o risco de perder-se. Por isso, apontamos sempre para as dimensões e sua interdependência.

A fim de se criar o novo e avançar na pesquisa, alguma aventura é necessária. Aventura no sentido de se lançar em busca de um novo. No entanto, fazemos esta aposta acreditando na capacidade de construção teórica a partir de noções próprias que condizem

com nosso olhar sobre a temática.

Este modelo necessita de análises mais detalhadas que esta. A ideia é que tal atividade possa ser feita contemplando as Dimensões da Revelação uma a uma. Construímos esse modelo para facilitar e sistematizar nossa compreensão acerca das vicissitudes da Revelação do diagnóstico de HIV. Nada impede sua reformulação e utilização em outros contextos.

## REFERÊNCIAS

AZZI, I. C. S. Realidade: uma razão que não se explica, mas se crê. **Ágora (Rio J.)**, Rio de Janeiro , v. 10, n. 2, p. 245-263, 2007.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Programa Nacional de DST e Aids. **Protocolo para a prevenção de transmissão vertical de HIV e sífilis : manual de bolso** / Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Programa Nacional de DST e Aids. – Brasília : Ministério da Saúde, 2007.

CASTELLANI, M. M. X., MORETTO, M. L. T. A experiência da revelação diagnóstica de HIV: o discurso dos profissionais de saúde e a escuta do psicanalista. **Rev. SBPH**, Rio de Janeiro , v. 19, n. 2, p. 24-43, dez. 2016.

CAVALLARI, C. **O Impacto da Comunicação do Diagnóstico HIV Positivo: A Ruptura de Campo Diante da Soropositividade**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1997.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14 ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

SCHARINGER, J. P.; CHATELARD, D. S. Freud: pensador da diferença. **Rev. Mal-Estar Subj.**, Fortaleza , v. 10, n. 2, p. 399-424, jun. 2010.

XIMENES, S. **Mini-dicionário Ediouro da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.